

# caderno

de

NOTÍCIAS

Jornal da ADUFES - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo . Seção Sindical do Andes . Sindicato Nacional - Vitória . Espírito Santo  
Edição número 84 . Maio/Junho/Julho 2011

## Eleições para reitoria e os rumos da universidade pública



Nesta edição do Caderno de Notícias, conheça os projetos de universidade que estiveram em disputa nas eleições para reitoria da Ufes, bem como as propostas da comunidade acadêmica para o novo reitor.

## Os rumos da universidade que queremos

No segundo semestre de 2011, iremos vivenciar o processo de eleições para reitoria da Ufes. Vários professores já circulam pela universidade como pré-candidatos ao cargo de reitor e vice-reitor. E nós, membros da comunidade acadêmica, que temos o direito de fazer essa escolha tão importante para mais quatro anos, o que pensamos?

Se analisarmos com cuidado a situação das universidades federais, veremos que a situação atual é também conseqüência das omissões e decisões que foram tomadas no passado, considerando as escolhas de gestores feitas a cada quatro anos. Por exemplo, enquanto a comunidade criticava veementemente o programa de expansão das universidades, o Reuni, os reitores o defendiam cometendo o grave erro de não colocar o tema em discussão. Hoje, esse programa tem sérios problemas com a qualidade dos serviços expandidos. Outra situação que reflete a postura dos gestores das universidades é o posicionamento em relação ao chamado pacote de autonomia. Enquanto a comunidade universitária critica essas medidas, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), faz acordo

com o governo.

O que seria da universidade brasileira se os reitores fossem, de fato, defensores da autonomia universitária? O que seria dela se os reitores fossem menos autoritários e mais democráticos? O que seria da universidade se houvesse mais transparência na prestação de contas dos recursos disponibilizados? Será que ofereceremos para a sociedade os cursos de que ela realmente necessita? O que seria da universidade se os professores participassem mais das decisões internas? Quão bom seria se tivéssemos tempo para discutir a nossa falta de tempo causada pelo excesso de trabalho e pela exigência por produtividade. Reclamamos do nosso salário, mas não temos tempo de nos unir em torno de uma campanha salarial.

Para o Andes-SN, como conseqüência das reformas e políticas realizadas sob a condução do governo Lula, vivenciamos hoje a deterioração do trabalho universitário, especialmente na graduação; a mercantilização do sistema de pós-graduação; a privatização da agenda científica; a desvalorização social das atividades de extensão; o desenvolvimento de um sistema de avaliação calcado em critérios de produtividade empresarial; a configuração

do “capitalismo acadêmico” ou capitalização do conhecimento universitário, e o bloqueio das condições de produção do pensamento autônomo e crítico.

Antes de tomar a decisão pela escolha de um candidato à reitoria, precisamos saber para onde queremos ir. A universidade pública precisa produzir e socializar conhecimento novo. O Governo Federal precisa, através das universidades públicas, garantir o direito de acesso ao ensino superior, sem assistencialismo e sem gastar os recursos públicos com as entidades privadas. Não podemos abrir mão da autonomia universitária em favor do monopólio da definição das políticas e linhas de pesquisa exercido pelos órgãos de fomento à pesquisa.

O Andes-SN e a Adufes têm tentado discutir com a comunidade universitária e com o governo os grandes temas que envolvem a educação. Muitas vezes, a comunidade escolhe uma direção e o MEC e as reitorias escolhem outra. Não temos contado com o apoio daqueles que podem mudar para melhor os destinos da universidade e do país.

Para proceder à escolha de determinada candidatura, é fundamental que a comunidade acadêmica observe qual a postura dos candidatos sobre cada um dos temas que são fundamentais para o avanço da universidade pública, gratuita e de qualidade.

Publicação da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo.  
ADUFES - Seção Sindical do Andes - SN  
Av. Fernando Ferrari, s/n, Campus Universitário, Goiabeiras, Vitória.ES  
CEP 29060-900

Telefone: 27. 3335.2717  
Telefax: 27. 3227.3908  
www.adufes.org.br  
adufes@adufes.org.br  
comunicacao@adufes.org.br

José Antônio da Rocha Pinto  
presidente

---

vice-presidente

Geraldo Rossoni Sisquini  
tesoureiro geral

Temístocles de Sousa Luz  
1º tesoureiro

Ricardo Roberto Behr  
secretário geral (licenciado)

Mariane Lima de Souza  
1ª secretária

Valter Pires Siqueira  
1ª suplente

Edinete Maria Rosa  
2ª suplente

---

3ª suplente

Bernardete Gomes Mian  
4ª suplente

Jornalistas Responsáveis:  
Giselle Pereira (Mtb 2644)  
Luciana Silvestre (Mtb 2210)

Estagiário de Design  
Gustavo Binda

Tiragem: 3.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO  
GRATUITA

adufes

## Histórico ▶

# Eleições para reitoria foram marcadas por disputa de projetos para a universidade

*Autonomia universitária e democracia interna são reivindicações históricas em processos eleitorais na Ufes*

A partir da década de 1980, quando começaram as eleições diretas para reitor, a comunidade acadêmica foi envolvida no debate sobre os rumos e projetos para a universidade. A concepção de uma universidade pública e socialmente referenciada esteve em disputa com uma visão conservadora e elitista em relação ao conhecimento, o que polarizou diversos processos eleitorais para reitoria.

Para o professor do departamento de Engenharia Elétrica da Ufes, Edson Cardoso, que foi presidente da Adufes, a maioria das gestões de reitoria da Ufes foram conservadoras. “A concepção dessas reitorias foi de uma universidade elitista, distante da realidade social e que cumpre ordens verticais do Estado”, afirmou Edson. Segundo

ele, as principais características dessas gestões foram o cartorialismo e o imobilismo. “Existe uma burocracia extrema para homologar qualquer convênio. Além disso, há um imobilismo, uma falta de iniciativa. Para um reitor tornar a universidade mais ágil e ativa dentro da sociedade, ele deve conversar com a comunidade universitária. Não é com memorando que se resolve”, criticou Edson.

Na visão do professor do Centro de Ciências da Saúde, José Geraldo Mill, que participou como candidato a reitor em processos eleitorais na Ufes, os projetos que estiveram em disputa representaram concepções distintas de universidade. “Do ponto de vista dos professores, há os que enxergam a universidade como espaço acadêmico vol-



tado para o ensino, a pesquisa e a extensão, e valorizam a dedicação exclusiva; e há os que entendem a dedicação exclusiva apenas como regime de trabalho”, explicou. Ele disse que, em vários momentos da história da Ufes, o grupo que possuía a visão mais acadêmica organizou-se e disputou a eleição.

Os principais eixos de um projeto de universidade e que foram disputados historicamente nas eleições de reitoria são a autonomia universitária, a democracia e transparência, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a integração entre universidade e sociedade e ensino público e gratuito.

## 1980-1986: Comunidade universitária realiza mobilizações em torno das eleições diretas para reitor

Até meados da década de 1980, no período final da ditadura militar, as eleições para reitoria da Ufes ocorriam de forma indireta. O reitor era escolhido pelo MEC a partir da indicação de 6 candidatos (lista sêxtupla) em reunião dos três Conselhos Superiores. Não havia participação da comunidade acadêmica no processo de escolha.

De acordo com o ex-presidente da Adufes, Edson Cardoso, a principal marca desse período foi a luta por

eleições diretas para dirigentes da universidade, que incluía debates, manifestações e atos públicos. “O ressurgimento do movimento estudantil em 1977, a criação da Adufes em 1979 e do AndesSN em 1981 motivaram as lutas pela eleição direta”, afirmou Edson. Ele destacou que essa foi uma das principais conquistas para o processo democrático na universidade e ocorreu devido à organização e luta dos professores, estudantes e técnico-administrativos.

Foto: Arquivo Adufes



Debate sobre eleições diretas com a professora da USP, Marilena Chauí, mobiliza comunidade acadêmica

## 1987: Primeira eleição direta para reitor da Ufes abre debate sobre os rumos da universidade

Na primeira eleição direta na Ufes, houve 3 chapas inscritas e a vencedora foi a composta por Rômulo Augusto Penina, do antigo Centro Biomédico, como candidato a reitor, e Carlos Coutinho Batalha, do Centro de Educação, como vice. De acordo com a professora aposentada do departamento de Serviço Social da Ufes, Eugênia Raizer, que foi candidata à vice-reitora na chapa do professor Klinger Barbosa Alves, a eleição de 1987 foi marcada pela disputa de projetos para a universidade. “O nosso projeto era balizado na discussão da democratização da universidade. Queríamos que a produção de conhecimento estivesse vinculada aos movimentos sociais”, afirmou Eugênia. A defesa

de concurso público, da ampliação de vagas e de uma política de assistência estudantil também estava no programa. A chapa vitoriosa, no entanto, foi a de cunho mais conservador. “As candidaturas progressistas dividiram-se em duas chapas e as forças conservadoras venceram pelo voto corporativo dos funcionários e também de um grupo de professores”, avaliou Eugênia.



Candidatos debatem propostas para a Ufes em 1987



Comunidade universitária comemora primeira eleição direta para reitor



Foto: Arquivo Adufes

## 1991: Candidato com propostas diferentes dos grupos tradicionais é eleito na Ufes

Na eleição de 1991, o professor do departamento de Economia da Ufes, Roberto da Cunha Penedo, foi eleito reitor, o que representou uma mudança de grupos na administração da universidade. “Houve uma ruptura com o grupo mais tradicional que gerenciou a Ufes desde seu início”, disse o professor do Centro de Ciências da Saúde e ex-candidato a reitor da Ufes, José Geraldo Mill. Ele afirmou que a gestão Penedo tinha a propos-

ta de descentralização do orçamento e de expansão da pesquisa e da pós-graduação.

Na visão do ex-presidente da Adufes, Edson Cardoso, a gestão de Penedo também apresentou alguns pontos de avanços. “Foi realizada uma avaliação institucional, ainda que burocratizada, mas de forma democrática. A discussão do orçamento também foi feita, o que permitiu maior participação da comunidade acadêmica na gestão”, afirmou Edson.



Eleição de Penedo marca o início de uma gestão que descentralizou o orçamento e realizou uma avaliação institucional

## Histórico ▶

# 1995: Eleição com 5 chapas e amplo debate político envolve comunidade acadêmica

A eleição de reitoria de 1995 contou com a participação de 5 chapas. “Foi uma eleição marcante, exemplo de processo democrático para a reitoria. Todas as concepções de universidade estavam presentes”, afirmou Edson Cardoso. De acordo com ele, houve debates nos campi da Ufes e até na TVE, com picos de audiência. “A discussão sobre a universidade extrapolou os muros da universidade”, disse Edson.

Outro marco importante desse processo eleitoral foi a mobilização estudantil. “Em 1995 foi o primeiro ano do governo de Fernando Henrique Cardoso, que implementou medidas contra os trabalhadores. Houve um ascenso de lutas em todo país, que teve como marca principal a greve dos



Eleição de 1995 ultrapassa os muros da universidade e o debate ganha a sociedade capixaba

petroleiros. Na Ufes, chegamos a fazer assembleias de estudantes com 800 pessoas”, lembrou o professor do Ceunes, Raphael Góes Furtado, que participava do movimento estudantil na época. Ele contou, no entanto, que durante o processo eleitoral para reitoria, o movimento estudantil se dividiu para o apoio a cha-

pas distintas. “Não houve uma discussão unitária sobre projeto de universidade, mas uma fragmentação dos segmentos do movimento estudantil em apoio a candidatos específicos”, avaliou Raphael.

A chapa vencedora nessa eleição tinha como candidato a reitor o professor José Weber Macedo, cuja admi-

nistração foi considerada autoritária. “Não conseguimos construir uma candidatura única de esquerda na saída de Penedo, o que levou à vitória do Weber, que teve uma visão muito autoritária em suas gestões”, afirmou o professor do departamento de Arquitetura e ex-candidato a reitor, Kléber Frizzera.

## 1999: Dois projetos de universidade se colocam em disputa nas eleições para reitoria

Nas eleições para reitoria de 1999, duas visões de universidade estiveram novamente em disputa. De um lado, o professor José Weber Macedo, representando uma visão conservadora. De outro, o professor José Geraldo Mill, com uma candidatura mais progressista. “O que eu propunha na época era a melhoria da graduação e expansão da pós-graduação e a abertura da Ufes para a sociedade”,

relatou Mill.

Nessa eleição, o acesso aos alunos, sobretudo do ensino à distância, foi dificultado. “Eu não tive acesso aos alunos do NEAD. Quando ia fazer campanha em alguns locais, descobria que as aulas haviam sido canceladas”, contou Mill. Ele afirmou que a garantia do acesso aos segmentos universitários é o requisito mínimo para um processo democrático, o que não

Foto: Arquivo Adufes



Professor José Geraldo Mill (à esquerda) e José Weber de Macedo (à direita) disputam as eleições de 1999

ocorreu no referido pleito.

O professor José Weber Macedo foi reeleito reitor

nessas eleições e o professor Rubens Sérgio Rasseli compunha a chapa como vice.

## 2003: Voto dos alunos do ensino à distância gera polêmica na eleição que foi marcada pelo Movimento Reviva Ufes

Após 8 anos da gestão de José Weber Macedo, os segmentos mais progressistas de professores, estudantes e técnico-administrativos construíram o Movimento Reviva Ufes, que lançou o professor do Centro Tecnológico, Rogério Queiroz, como candidato a reitor. “Ficamos 8 anos fazendo oposição à gestão de Weber e tentamos nos unificar em um movimento. Na época, havia uma nova geração de estudantes que queria debater a universidade”, afirmou o candidato a vice-reitor da chapa do Reviva Ufes, Kléber Frizzera.

Para a integrante do movimento estudantil da época e hoje professora de História do ensino fundamental e médio, Ana Paula Rocha,

o Reviva Ufes surgiu como uma proposta de frente de articulação. “Discutíamos uma pauta para a universidade, como a questão do ensino à distância, da reforma universitária e, principalmente, da democracia interna. Foi um movimento vitorioso entre os estudantes”, disse Ana Paula. Ela também contou que foi a primeira eleição em que o voto foi paritário, o que provocou uma disputa pelo voto dos estudantes. “Bolsistas e monitores foram coagidos para votar na chapa da situação”, relatou Ana Paula.

Outra polêmica que marcou essa eleição foi o voto dos alunos do ensino à distância. Assim como na eleição de 1999, a chapa de



Foto: Arquivo Adufes  
Voto dos alunos do ensino à distância gera polêmica na eleição de 2003

oposição teve dificuldade de acessar esses estudantes, que ficaram sabendo das eleições apenas no dia da votação. “A chapa da situação tentava colocar os estudantes presenciais contra os do ensino à distância, o que era uma forma de escamotear o debate sobre projeto de universidade”, avaliou Ana Paula Rocha.

Apesar da intensa mo-



bilização da comunidade universitária, o Movimento Reviva Ufes não venceu as eleições, sendo eleito o professor Rubens Sérgio Rasseli como reitor e Reinaldo Centoducate como vice.

## 2007: Projeto de universidade em vigor é reforçado nas eleições

Na última eleição de reitoria da Ufes, na qual o professor Rubens Sérgio Rasseli foi reeleito, houve candidatura única. De acordo com Ana Paula Rocha, as gestões de Rubinho representam a continuidade de um projeto de poder construído nas administrações de Weber. “Esse projeto de poder está ancorado

nas parcerias público-privadas e na privatização da universidade”, afirmou. Segundo ela, a diferença entre Rubinho e Weber é a maior abertura ao diálogo por parte do primeiro. “O Rubinho se propunha a dialogar, ainda que já tivesse a política traçada. Os ganhos que a universidade teve nesse período

foram graças à mobilização dos movimentos sociais a partir de iniciativas do governo Lula, não da reitoria em si”, avaliou Ana Paula. Uma marca dessa gestão foi a implantação de cotas na Ufes e a ampliação de vagas e cursos pelo Reuni.

Apesar da ampliação do diálogo, não houve um processo de discussão para

a adesão ao Reuni. “Muitos problemas dos cursos do Reuni, seja de infraestrutura ou de corpo docente e técnico-administrativo, relacionam-se à falta de discussão com a comunidade acadêmica no período de formulação do projeto”, afirmou o presidente da Adufes, José Antônio da Rocha Pinto.

## 2011: Representante estudantil é eleito presidente da comissão eleitoral pela vez na história da Ufes

Uma novidade do atual processo eleitoral da Ufes foi a escolha de um representante estudantil para assumir a presidência da comissão eleitoral, o estudante de Economia, Vitor César Noronha.

“Essa é uma conquista do movimento estudantil, pois historicamente a universidade privilegia a figura do professor. Queremos ocupar esse espaço de decisão e deixar a marca de respon-

sabilidade do movimento” defendeu Vitor.

De modo diferente de como ocorreu em eleições anteriores, este ano foi definido que a comissão eleitoral será composta por 12 mem-

bros de forma paritária, sendo 3 representantes de cada conselho e mais 3 membros indicados pelas entidades representativas dos segmentos na universidade: o Sintufes, o DCE e a Adufes.

## Entrevista ▶

# Vitor César Noronha. Processo eleitoral para reitoria da Ufes.

Em entrevista ao Caderno de Notícias, o presidente da Comissão Eleitoral para a reitoria da Ufes, Vitor César Noronha, explica as principais novidades do processo eleitoral de 2011 e comenta como tem sido a experiência estudantil à frente da comissão.



O estudante de Economia da Ufes e membro do movimento estudantil, Vitor César Noronha, preside a comissão eleitoral.

### ▶ Quais as principais novidades nas regras para a eleição de reitor?

As principais novidades são ligadas à questão da propaganda. Nas eleições anteriores, havia um grande espetáculo eleitoral. Agora decidimos moralizar o processo, impedindo o que ocorreu em anos anteriores, quando houve abuso de poder econômico nas eleições da universidade, seja por partidos políticos, aparelhos administrativos, como prefeituras, e empresas privadas que queriam enviar a pesquisa e extensão. Para isso, a principal modificação foi a limitação do teto de gastos, que ficou no valor de R\$ 20 mil, e na resolução de que somente membros da comunidade acadêmica podem fazer doações para a campanha. As doações individuais também foram limitadas no valor máximo de um salário mínimo. Além disso, haverá uma prestação de contas parcial, no meio do período da propaganda, e uma final, após o término do pleito. Outra questão inédita é a eleição em dois turnos, como ocorre nas eleições gerais para o poder executivo. Os dois

candidatos mais votados disputarão o segundo turno e o mais votado é o vencedor.

### ▶ Em que medida essas regras contribuem para o avanço no processo democrático na universidade?

O processo democrático pressupõe que a comunidade acadêmica tenha condições plenas de debater os diferentes projetos de universidade, a fim de que a maioria escolha o que é mais adequado à sua concepção de educação. A comissão tentou trazer o máximo de elementos para que a comunidade faça sua opção, o que avança muito na democracia universitária. Vamos fazer, no mínimo, um debate em cada campus da Ufes, sendo um no ginásio de Goiabeiras, um na quadra coberta de Alegre, um no auditório de São Mateus e outro no auditório de Maruípe. É um compromisso que a comissão eleitoral traz para avançar no debate de ideias.

### ▶ Quais as principais polêmicas que surgiram no debate das regras eleitorais?

A principal polêmica é a questão do método eleitoral, da fórmula do voto da comunidade. Havia uma escala de possibilidades de avanços, sendo uma extremamente conservadora e outra extremamente democrática. A primeira delas estipula que 70% do peso dos votos seria para os professores e 30% seria dividido entre estudantes e técnico-administrativos. A outra possibilidade, que foi adotada, é a paridade não real,

que é calculada pela relação dos votantes em relação à população geral da comunidade acadêmica. Essa proposta prejudica segmentos que historicamente comparecem menos às urnas, como os estudantes, mas não houve sensibilidade da comissão e nem do plenário na reunião dos conselhos para adotar as outras propostas que avançam mais nessa questão. Uma delas é a paridade real, que considera aqueles que foram, de fato, às urnas e a última possibilidade, a mais democrática, é o voto universal, pelo qual não há diferenciação em setores da comunidade acadêmica no momento do voto.

### ▶ Essa é a primeira vez que um estudante assume a presidência de uma comissão eleitoral para escolha de reitor. Como avalia esse fato?

É uma honra muito grande assumir essa posição, embora eu e o movimento estudantil tenhamos assumido com preocupação, pois a comunidade universitária e a imprensa tratam a questão com extremo personalismo. Avaliamos que

faz parte de um processo histórico de conquista do movimento estudantil no avanço da democratização da universidade. Para nós, ainda é fundamental e mais central a realização das nossas lutas, manifestações, debates, atividades. No entanto, há alguns anos, os estudantes têm compreendido melhor os espaços de atuação institucional e feito um esforço de ocupar de forma mais qualificada esses espaços. A vivência ativa na luta por avanços na universidade nos dá elementos para ocupar determinadas posições nas instâncias da universidade. Encaramos como uma conquista coletiva que avança na estrutura de democracia da universidade.

### ▶ Cronograma eleitoral ◀

Inscrição de chapas:

01 a 04 de agosto

Início da propaganda:

11 de agosto

Primeiro turno: 15 de setembro

Segundo turno: 29 de setembro

Twitter: @CEUFES\_Oficial

E-mail:

comissaoPesquisa@npd.ufes.br

Site: www.ccp.ufes.br

(entrará no ar em breve)



Movimento estudantil tem qualificado sua participação nas instâncias deliberativas da Ufes

# Comunidade universitária apresenta reivindicações para a nova reitoria

*Adufes, Sintufes e DCE indicam propostas para uma nova administração da universidade*

## Autonomia universitária e financiamento público

“Esperamos que o próximo reitor defenda a autonomia universitária, que inclui autonomia administrativa, financeira, acadêmica e intelectual”, afirmou o presidente da Adufes, José Antônio da Rocha Pinto. Ele disse que esse é um pilar fundamental para um projeto de universidade, pois não há liberdade de pesquisa sem autonomia.

“As universidades, ao invés de receberem investimentos públicos suficientes, estão vinculadas a fundações de apoio para captar recursos no mercado”, disse Rocha. Em sua visão, a universidade deve oferecer condições para realizar todo tipo de pesquisa, não apenas àquelas de interesse das fontes de financiamento privado.



## Assistência estudantil

“Defendemos a criação de uma Pró-reitoria de Assistência Estudantil e Assuntos Comunitários, com recursos próprios”, afirmou o diretor do DCE, Raphael Sodré. Ele disse que a atual política de assistência estudantil não é coordenada e as várias secretarias que tratam do assunto não têm estrutura adequada para atender a

demanda dos estudantes. “Com uma Pró-reitoria específica, os recursos orçamentários destinados pelo governo federal para a assistência estudantil podem ser melhor geridos e aplicados”, complementou.

Outra reivindicação apresentada pelo DCE é a construção da moradia estudantil na Ufes.

## Pesquisa e pós-graduação

Para avançar na qualidade das pesquisas e da pós-graduação, a universidade deve priorizar a contratação de docentes no regime de 40

horas com dedicação exclusiva, não de 20 horas, como pode ocorrer pelo cálculo do banco de professores equivalentes. “No regime de

## Reuni e expansão da universidade

“O Sintufes defende a ampla expansão de vagas na educação superior pública, mas não concorda com a escolha entre a expansão precarizada e a universidade elitizada”, afirmou a diretoria colegiada do Sintufes, ao criticar o programa Reuni. Para o Sintufes, a expansão da universidade deve estar aliada à qualidade do

ensino.

A visão do presidente da Adufes, José Antônio da Rocha Pinto, aponta nesse sentido. “Desde 2007, a universidade vivencia os problemas da expansão mal planejada do Reuni. Agora é preciso avançar na qualidade do ensino, contratando quadro pessoal e melhorando a infraestrutura dos cursos”.

## Terceirização dos serviços na Ufes

“Defendemos a realização de concurso público e que a próxima reitoria se coloque contra a terceirização dos serviços na Ufes”, afirmou a diretoria colegiada do Sintufes. Na opinião do sindicato, a terceirização dos serviços é um mecanismo do governo federal que o desobriga do seu dever constitucional, repassando à iniciativa privada, via

fundações, uma parte do financiamento que deveria ser destinado às instituições públicas de ensino.

Para o diretor do DCE, Raphael Sodré, o desmonte da universidade pública fica claro na terceirização dos serviços. “Os servidores se aposentam e os concursos não repõem essas vagas, que são ocupadas por trabalhadores terceirizados”.



Bolsistas da Ufes entram em greve em 2010: ausência de uma política efetiva de assistência estudantil faz alunos dependerem de bolsas PAD.

garantindo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, afirmou o presidente da Adufes, José Antônio da Rocha Pinto.